

Atribución-NoComercial-CompartirIgual 4.0
Internacional (CC BY-NC-SA 4.0)ELTON GUILHERME DOS SANTOS SILVA¹MARCONDES BRITO DA COSTA²LILA CRISTINA XAVIER LUZ³DOI: <http://dx.doi.org/10.20983/reij.2022.2.7>

FECHA DE RECEPCIÓN: 20 de julio de 2021

FECHA DE ACEPTACIÓN: 23 de agosto de 2021

FILIAÇÃO DE GRIFFE: APONTAMENTOS SOBRE LETALIDADE JUVENIL E SEGURANÇA PÚBLICA EM TERESINA

Afiliación Griffé: notas sobre letalidad juvenil y seguridad pública en Teresina

Griffe affiliation: notes on juvenile lethality and public safety in Teresina

Resumo

No decorrer do artigo é apresentado a noção de “filiação de Griffé”, conceito elaborado dentro da pesquisa que permite acessar instâncias de compreensão acerca do processo de intensificação do confronto direto entre duas organizações e o aumento circunstancial no número de mortes violentas. Evidenciamos que as disputas entre as organizações criminosas, somadas à omissão do estado, resultam no mais trágico cenário para o segmento juvenil de Teresina, com incidência de mortes cada vez mais altas e um contingente minúsculo de vidas poupadas. A partir da análise de dados, percebemos que o município vivenciou um dos maiores picos de letalidade, acometendo principalmente a população jovem. São jovens, homens, negros as principais vítimas da violência letal no município. Para tanto, o conceito de “filiação de Griffé”, tenta mensurar a naturalização de algumas mortes, e apenas destas. Com essas reflexões visamos construir referências sobre letalidade juvenil a fim de contribuir para ampliar a possibilidade de políticas públicas voltadas para esse segmento juvenil.

Palavras chaves: filiação de Griffé; juventudes; segurança pública; violências.

1 Estudante do Curso de Ciências Sociais da Universidade Federal do Piauí (UFPI). Pesquisa Dimensão do mapa da letalidade juvenil em Teresina (UFPI/NUPEC-Núcleo de Pesquisa Sobre Crianças, Adolescentes e Jovens); eltonguilherme56@gmail.com; ORCID: 0000-0001-8689-4233.

2 Cientista Social. Mestre em Políticas Públicas pela Universidade Federal do Piauí-UFPI. Doutor em Sociologia Pela Universidade Estadual do Ceara- UECE. Professor do Instituto Federal do Piauí-IFPI-Campus São Raimundo Nonato. Pesquisa Juventude, Identidade, Estado, Violência e Tráfico de Drogas; marcondes.brito@ifpi.edu.br; ORCID: 0000-0003-0837-2557.

3 Doutora em Serviço Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP) e Pós-Doutorado em Sociologia pela Universidade Nacional Autônoma do México (UNAM). Professora Adjunta da Universidade Federal do Piauí (UFPI). Coordenadora do Núcleo de Pesquisa sobre Crianças, Adolescentes e Jovens (NUPEC/UFPI); lilaxavier@hotmail.com. ORCID: 0000-0001-7301-0187.

FILIAÇÃO DE GRIFFE: APONTAMENTOS

SOBRE LETALIDADE JUVENIL E SEGURANÇA PÚBLICA EM TERESINA

Resumen

En el artículo se presenta la noción de “afiliación Griffe”, un concepto elaborado dentro de la investigación que permite acceder a instancias de comprensión sobre el proceso de intensificación de la confrontación directa entre dos organizaciones y el aumento circunstancial en el número de muertes violentas. Mostramos que las disputas entre organizaciones criminales, sumadas a la omisión del Estado, resultan en el escenario más trágico para el segmento juvenil de Teresina con una incidencia de crecientes muertes y un pequeño contingente de vidas salvadas. A partir del análisis de los datos, notamos que el municipio experimentó uno de los picos de letalidad más altos, afectando principalmente a la población joven. Son hombres jóvenes, negros, las principales víctimas de la violencia letal en el municipio. Con este fin, el concepto de “afiliación Griffe” intenta medir la naturalización de algunas muertes y solo estas. Con estas reflexiones pretendemos construir referencias sobre la letalidad juvenil, con el fin de ampliar la posibilidad de políticas públicas dirigidas a este segmento juvenil.

Palabras clave: afiliación Griffe; jóvenes; seguridad pública; violencia.

Abstract

In the article the notion of “Griffe affiliation” is presented, a concept elaborated within the research that allows access to instances of understanding about the process of intensifying the direct confrontation between two organizations and the circumstantial increase in the number of violent deaths. We show that the disputes between criminal organizations, added to the omission of the State, result in the most tragic scenario for the youth segment of Teresina with an incidence of increasing deaths and a tiny contingent of spared lives. From the data analysis, we noticed that the municipality experienced one of the highest lethality peaks, affecting mainly the young population. There are black young men the main victims of lethal violence in the municipality. With this finality, the concept of “Griffe affiliation” attempts to measure the naturalization of some deaths and only these. With these reflections we aim to build references on juvenile lethality in order to expand the possibility of public policies aimed at this youth segment.

Keywords: Griffe affiliation; public safety; youths; violence.

Introdução

O Atlas da violência de 2017 indica que, no Brasil, 65.602 homicídios foram registrados pelo Sistema de Informações sobre Mortalidade, do Ministério da Saúde (SIM/SM), o que implica uma taxa de 31,6 mortes por 100 mil habitantes – a mais elevada da história, mais elevada, inclusive, que muitos países em situação de guerra. Destas, mais da metade (35.783) eram jovens, com taxa de 69,9 por 100 mil jovens.

Julio Jacobo Waiselfsz, apresenta na série “Mapa da Violência”, ano a ano, uma série de dados que apontam para o agravamento da mortalidade juvenil na realidade brasileira. Desde 1998, em conjunto com a UNESCO, nos mostram o cenário de barbárie para onde estamos caminhando... E chegamos!

Nesse quadro de violência, 75.5% das vítimas de homicídios no Brasil são de pessoas negras e isso corresponde a uma taxa de 43.1 (que acima de 10 já são consideradas endêmicas pela ONU).

A importância de evidenciar que as maiores vítimas da violência letal, são pessoas negras e jovens, majoritariamente do sexo masculino e moradores de zonas periféricas, parte da ideia de alargar as noções sobre o gerenciamento da morte, que se baseia essencialmente, no racismo estrutural e institucional, e numa cons-

ciência que naturaliza certas mortes – e apenas estas.

Em Teresina, capital do Piauí, a realidade não é diferente. Teresina apresenta uma população de 868.075 habitantes e uma média de 38.67 homicídios por 100 mil habitantes – isso revela que o município vem sofrendo um quadro de violência endêmica. Em 2017 a capital do Piauí foi apontada pela ONG Mexicana: ‘Conselho Cidadão para Segurança Pública e Justiça Penal’: como a 13ª capital mais violenta do Brasil,⁴ ocupando o 38º lugar no ranking das 50 cidades mais violentas do mundo.⁵ Em 2015, chegou a ocupar o posto de 6ª capital mais violenta do Nordeste.⁶

Com base nos dados sintetizados pelo Núcleo Central De Estatística E Análise Criminal – NUCEAC, disponibilizados pela Secretaria de Segurança Pública do Piauí (SSPI), houve um aumento de (63,50%) entre os anos de 2008 a 2018. Entre os respectivos anos, jovens de 14 a 29 anos predominavam 99,99% dos óbitos. Teresina viven-

4 Com 42 mortes para cada 100 mil habitantes, capital Teresinense ficou ainda na 38ª posição do ranking mundial. G1 PI. Disponível: <https://g1.globo.com/pi/piaui/noticia/teresina-e-13-cidade-mais-violenta-do-brasil-diz-ranking-mundial-de-ong.ghtml>. Acesso: 24/06/2021.

5 Há 13 anos, o levantamento é divulgado anualmente para auxiliar as instituições de segurança no combate à criminalidade. TV Cidade Verde. Disponível: <https://cidadeverde.com/noticias/345520/ong-aponta-teresina-no-ranking-das-50-cidades-mais-violentas-do-mundo>. Acesso: 24/06/2021.

6 Com 450 mortes em um ano, Teresina é a 6ª capital mais violenta do Brasil. Disponível: <https://cidadeverde.com/noticias/203475/com-450-mortes-em-um-ano-teresina-e-a-6-capital-mais-violenta-do-brasil>. Acesso: 24/06/2021.

cia uma escalada letal contra seus jovens. Em 2020, (76,25%) dos Crimes Violentos Letais Intencionais (CVLI) foram consumados através do uso de arma de fogo, (94,30%) eram homens, (89%) pretos (partindo dos critérios estabelecidos pelo IBGE, pretos são a soma de negros e pardos). E esse, talvez, seja nosso maior problema: passamos por 2021, quase 23 anos desde a primeira edição do Mapa da Violência (1998) e o que temos de mais atualizado sobre dados de violência letal evidencia a continuidade desse massacre à luz do dia.

Algo significativo que podemos utilizar como exemplo e que permite explicar uma queda drástica de CVLI entre 2003 e 2004, a nível nacional, depois de anos, foi a execução do Estatuto do Desarmamento e a posterior coleta gratificada de um grande número de armas em circulação, com queda de (8.2%). De lá pra cá, as possibilidades vêm se esgotando, na medida que os números de CVLI por arma de fogo aumentam (70.4%). Uma informação importante, é a de que o Brasil ocupa o 3^a lugar no pódio mundial, hora como exportador⁷ de armas de fogo – vendendo e disputando comércio com potências mundiais e por hora, condicionando o afrouxamento do estatuto do desarmamento, como mostra a pesquisa ‘vidas poupadas’.⁸

7 Brasil, um grande e nebuloso vendedor de armas até para ditadores e Governos autoritários. Ver mais: https://brasil.elpais.com/brasil/2017/09/15/politica/1505499172_880938.html. Acesso: 23/06/2021.

8 Estatuto do Desarmamento salvou 160.000 vidas, calcula estudo. Ver mais: <https://brasil.elpais.com/>

No entanto, entidades que monitoram o comércio global de armamentos veem poucos motivos para comemorar este terceiro lugar em credibilidade pela venda e consumo de material bélico. De acordo com o relatório: ‘Fora das Sombras’, divulgado pela ONG *Small Arms Survey*, somos um dos menos transparentes com relação a estas exportações. Isso significa que armamentos brasileiros podem estar sendo vendidos para países que violam direitos humanos, ou até mesmo desviados para grupos criminosos – alguns casos do tipo já vieram à tona, mas não existe um balanço completo.

Não à toa, nos últimos anos o Brasil conviveu com esse processo de juvenicídio.⁹ Para Valenzuela (2015), na obra: “*Juvenicidio. Ayotzinapa y las vidas precarias en América Latina y España*” o estudioso mexicano, define juvenicídio como diversos fatores que incluem a precarização, pobreza, desigualdade, estigmatização, tendo como eixo central a estratificação social baseada em relações de subalternização. Nesse sentido, o juvenicídio inicia com a precarização da vida dos jovens, a ampliação da sua vulnerabilidade e a di-

9 brasil/2015/05/13/politica/1431545595_563619.html
O conceito se refere a um conjunto sistemático de homicídios, representações midiáticas, formas de morte simbólicas, atentando contra uma vida social digna, cometidas contra jovens na América Latina, com ausência do Estado, seja por omissão, conveniência ou protagonismo, e com elevada aceitação social Valenzuela (2015).

minuição das opções disponíveis para que possam desenvolver seus projetos de vida.

O Brasil pratica o juvenicídio porque, além de estar matando os jovens, assassina seus projetos de vida e seus sonhos, reduzindo, por opção política, os investimentos em cultura, educação, ciência, esporte e geração trabalho e renda.¹⁰

Localizando políticas públicas das juventudes à nível municipal, as juventudes contam com a secretaria municipal de juventudes (SEMJUV) e com Secretaria de Assistência Social e Políticas Integradas (SEMCASPI), que existem para subsidiar políticas públicas para as juventudes, em 2013, a dotação orçamentária da (SEMJUV) era de aproximadamente dois milhões, entretanto, a maior parte dos recursos eram destinados às folhas de pagamentos. A nível de estado, temos uma coordenadoria estadual de juventude, vinculada à vice-governadoria, sem orçamento ou poder de articular políticas públicas.

Os retrocessos na política para as juventudes na esfera federal alcançaram a cidade de Teresina. Em 2015, quando aconteceu a mudança de secretários e criou-se expectativas acerca das possibilidades futuras, porém, pouco mais de dois anos depois, as ações desenvolvidas no âmbito da (SEMJUV) como políticas integradas da

(SEMCASPI), se propõe a viabilizar ações de enfrentamento às juventudes da cidade.

Nota-se, que o Secretário da Assistência Social anterior, que já foi delegado e depois vereador, atua com inclinação para transformar políticas de assistência social em políticas de segurança pública, essa tendência se mantém também na política municipal.

Sobre a execução das políticas destinadas aos grupos juvenis: “a impressão que identificamos nesses atos é uma explícita ação de criminalização da pobreza – fenômeno que desde a metade do século passado já havia sido denunciado como prática inaceitável no âmbito da Assistência Social e do Serviço Social brasileiro”, pondera (Perez e Luz, 2019, pp. 2-11).

De acordo um estudo elaborado pelo Ministério da Justiça, em 2014, o Piauí não possuía política de redução de criminalidade violenta, mas, afirmaram planejar o desenvolvimento de alguma política nos quatro anos posteriores. É importante lembrar que já estamos em 2021 e no tocante a políticas públicas específicas de juventude, não há no Estado, até o presente momento um plano municipal de juventude e muito menos ações que se centram no enfrentamento aos homicídios de jovens em Teresina.

O Estado do Piauí com 224 municípios só recebeu seu primeiro Plano Estadual de Segurança Pública em 2018. Chegamos em 2022 e é possível questionar como se ava-

10 Juvenicídio: Brasil mata seu futuro à bala. EXTRA CLASSE. Disponível: <https://www.extraclasse.org.br/opiniaocolumnistas/2018/07/juvenicidio-brasil-mata-seu-futuro-a-bala/>. Acesso: 24/06/2021.

lia as políticas de segurança do Estado? E da Capital?

As instituições de segurança falharam em executar o primeiro e único plano de segurança pública do Estado. É possível notar a ausência, e porque não, omissão, como relação fundamental das secretarias e instituições com a sociedade. É importante trazer luz ao debate e torná-lo público.

Dessa forma, podemos atribuir as consequências drásticas do aumento da violência letal em Teresina à ausência de estratégias de compreensão e combate, e de políticas integradas com as juventudes e suas comunidades. A falta de comprometimento com a redução nos índices de criminalidade violenta, desencadeia um genocídio.

Revisão de literatura

Marisa Feffermann (2015) em seu capítulo: *“Genocidio de la Juventud Negra: deconstruyendo mitos”*, apresenta a relação dos estudos de juvenicídio, com o que no Brasil conhecemos por Genocídio da juventude negra. Assim, usando a categoria analítica de juvenicídio, no Brasil, em diálogo e equivalência com estudos que ancoram suas teorias discursivas, no conceito de *“Necropolítica”* de Achille Mbembe (2018) que faz referência às “formas contemporâneas que subjagam a vida ao poder da morte”. Onde o filósofo camaronês define, essencialmente, como “política de morte”

com poder de decidir quem pode viver e quem deve morrer.

As possibilidades oriundas da noção de Necropolítica permitem acessar a seletividade na produção de morte. Ou seja, a forma que o Estado se volta (ou não se volta) para certos grupos e populações vulnerabilizadas pode ser um fator crucial para suas vidas ou mortes, para acessar as instâncias de cidadania e dignidade ou para terem suas vidas precarizadas.

Para os autores Valenzuela (2015), Fefferman (2015) e Calazans (2020), na América Latina, tanto o Juvenicídio como o Genocídio da Juventude Negra são consideradas expressões que relacionam a questão social, a democracia, a cidadania e a emergência das políticas sociais. Desde esse ponto de vista, a questão social pode ser analisada como sendo o conflito social que expressa a organização da sociedade em classes, etno-raça e gênero.

Nesse sentido, a noção de Juvenicídio se apresenta como categoria ampliada, abrangendo estudos sobre diferentes juventudes, nas condições em que vivem, sobretudo, na América Latina.

O Genocídio no Brasil, implica no processo de criação de subalternidade expressa nos altos índices de desemprego, evasão escolar, aumento do encarceramento em massa e letalidade juvenil. Assim também, o juvenicídio se apresenta como a criação de condições – para milhares de jovens, alguns de grupos e setores específicos no

México e no caso deste trabalho, percebendo Brasil, e Teresina, às condições precárias de existência. Pensando sobre isso, Valenzuela (2015), expõe:

[...] condições que podem ser caracterizadas pelos elementos:

(1) precarização, (2) pobreza, (3) desigualdade, (4) estigmatização e (5) estereotipagem. Assim, as adulterações do Estado e das instituições de administração da justiça produzem e reproduzem a corrupção e a impunidade como um modo cotidiano de funcionamento, ampliando, assim, as condições de precariedade, vulnerabilidade e indefesa de grupos subalternizados baseados em ordenamentos classistas, racistas, de ordem sexista, homofóbica e proibicionista (pp. 2-3).

Nesse contexto, a letalidade juvenil configura-se como um dos fenômenos mais trágicos de nossa sociedade, como uma forma de violência que possui diferentes dimensões e tal violência impede que parte significativa da juventude teresinense usufrua dos avanços sociais e econômicos alcançados. Dessa forma, buscamos compreender como essa realidade marginal vem se aplicando em Teresina estabelecendo a morte de jovens como norma.

Resultados e discussão

De acordo informação fornecida pela Secretaria de Segurança Pública do Piauí,

em 2018, 92,24% dos (CVLI), aconteceram no perímetro urbano, 102 deles ocorrerem na zona norte e 116 na zona sul da cidade.

Teresina é uma cidade rodeada por vilas e favelas. As juventudes teresinenses, sobretudo, as que residem em ambientes periféricos, vivem sobressaltadas, sob a sombra tendenciosa do medo da morte.

Uma cidade extremamente desigual em sua formação, distribuição social e espacial. Uma cidade que pouco acolhe jovens em políticas públicas municipais e estaduais. Uma cidade com uma larga tradição de disputas de gangues e galeras que ceifam a vida de vários jovens desde pelo menos a década de 1970, com quase ou nenhuma intervenção do Estado nesse tocante – sendo as regiões norte sul, as mais estigmatizadas na cidade, que também detém uma quantidade enorme de vilas e favelas.

Nesse sentido, percebemos como a busca por pertencimento e respeito ganharam outras conotações atualmente. O presente trabalho visa dar continuidade às produções críticas sobre as juventudes teresinenses, com intenção célebre de compreender o cenário juvenil, suas dinâmicas e contradições.

Há uma escalada de violência acontecendo em Teresina em benefício de uma disputa desenfreada entre organizações criminais rivais. A rivalidade é caracterizada pelo alistamento de jovens nas fileiras de determinadas organizações criminais que se rivalizam pela disputa de

espaços de venda de drogas e de espólios de pequenos crimes.

A rivalidade é caracterizada pelo alistamento de jovens nas fileiras de determinadas organizações em determinados territórios, listamos aqui pelo menos duas instituições que parecem inscrever seus nomes em muros da cidade inteira e também nos caixões dos jovens, e por elas, matam e morrem, quais sejam, PCC ou B.40.

Claramente a disputa parte pela “dominação” do território do outro e consequente a isso a extinção de qualquer sujeito visto como inimigo. Diferente de outros estados, a mudança social mais nítida que esse fenômeno trouxe para as comunidades teresinenses foi a certeza de uma vida prematura.

Diferentemente dos Estados de São Paulo¹¹ e Rio de Janeiro, onde determinadas organizações se apresentam como instância mediadora de conflitos, construindo alianças com outras organizações a fim de se fortalecerem juntas, em Teresina, acontece totalmente o contrário. As engrenagens que movimentam a cidade gira de forma inversa, esmagando os jovens. A situação de confronto, não tem pausa ou repouso e algo muito comum em confrontos desse derramamento constante de sangue juvenil é a morte como horizonte,

se está numa zona de guerra, a lei é clara: mata ou morre.

Trouxemos dois fatores que muito contribuíram para o aumento circunstancial de mortes de jovens em Teresina, mas esse morticínio anunciado não se esgota simplesmente em racismo e arma de fogo – obviamente, ambos, promovem a continuidade das engrenagens desse maquinário de morte, mas o que tem se observado nas relações cotidianas, sobretudo, das comunidades faccionadas, é o que nessa pesquisa estamos propondo chamar de ‘filiação de Griffé’.

O conceito, cria formas a partir de uma série de assassinatos entre anos de 2019 a 2021, onde a intensificação do confronto direto entre duas organizações fizeram eclodir o número de mortes violentas. A busca por consolidação através da disputa armada e com disposição de matar o desafeto, abriu portas para que um conjunto de símbolos que chegam e que se confundem aqui na capital, fossem percebidos.

As organizações recém chegadas em Teresina, nascem em lugares diferentes, se comportam e agem a partir do contexto de uma realidade marcada com aspectos socioculturais, de representação, identidade e uma infinidade de outras experiências que definem as peculiaridades dos grupos e o impacto de suas ações na sociedade em que se constroem, no seu contexto, na sua realidade. Regido por uma espécie de comunicação ideológica, a ideia de que os grupos

11 Queda de homicídios em SP é obra do PCC, e não da polícia, diz pesquisador. BBC News, Brasil. Disponível: https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2016/02/160210_homicidios_pcc_tg. Acesso: 16/06/2021.

agem de formas diferentes nos possibilita perceber parte da realidade teresinense.

Dessa forma, propomos uma narrativa de quebrada, que percebe num primeiro momento, o processo de instalação das organizações criminosas que migraram para Teresina e a legião de mortos que elas têm deixado na busca incessante por controle territorial, venda de drogas e reconhecimento.

Uma delas, com origem paulista, com surgimento dentro de um complexo de segurança máxima e presente em boa parte da América do Sul. Conhecida por PCC, PARTIDO, COMANDO, FAMÍLIA, (Biondi, 2010, p. 25), 1533. Do outro lado, disputando reconhecimento e consolidação nas comunidades teresinenses, o grupo faccional conhecido como BONDE DOS 40, ou B.40. Nascida em São Luiz do Maranhão, rivaliza com PCC por questões de origem e disputa do mercado de drogas e espaços territoriais.

As práticas que estruturam tais organizações criminosas, possibilitam aceitação social sobre os corpos dos jovens mortos, com a justificativa que eles são responsáveis por suas próprias mortes.

Dessa forma, Calazans (2020) e Valenzuela (2015), apresentam essa questão como representação da consciência da conveniência, sobre o assassinato amplo e impune de jovens portadores de identidades desacreditadas. O conceito busca ir além de uma simples comprovação do maior índice de mortes violentas neste segmento

da sociedade, explorando a fundo as dinâmicas de estigmatização, criminalização e aniquilação construídas em torno do sujeito jovem, com anuência do Estado, seja por omissão, conveniência ou protagonismo, e com a elevada aceitação social.

Filiação de Griffé, tenta dar conta do conjunto de relações que se estabelecem, se reproduzem e se acoplam no interior do *movimento* das dinâmicas criminais. Aqui concebemos tal qual pela autora da primeira etnografia sobre o PCC (Biondi, 2010).

Em sua obra “Proibido roubar na quebrada: território, hierarquia e lei no pcc”. A autora evidencia:

[...] o movimento não se conforma a espaços ou intervalos de tempo, pois não tem origem, nem fim definido [...] ele não se limita às trajetórias dos irmãos¹² embora tenha foco [...] por fim, ele, é formado por vários movimentos simultâneos, todos atravessando e deixando-se atravessar seus rastros em territórios, tempos e pessoas. (Biondi, 2018, p. 46)

Trazemos a noção de *movimento* para pensarmos Filiação de Griffé, na medida que observamos que ele [o movimento] não se restringe ao PCC e seus integrantes, mas que os atravessa, ao mesmo tempo em que atravessa consigo, outros códigos, símbolos, subjetividades, territórios, organizações outras e calibres também.

12 Membro “batizado” no PCC. Biondi, 2010, p. 248.

À rigor, o conceito aponta para a atuação embrionária das organizações na capital piauiense. Embrionária porque se comparada à atuação em Estados como São Paulo e Ceará¹³ visando a produção e distribuição de drogas com forma de mercado clássico e ilegal que se estrutura na forma de tráfico, que querem disputar preços e estratégias de vendas, armas, drogas e lucros.

Teresina recebe uma cepa que vive pela vontade de matar. O desejo de ser visto, fotografado, falado, através da mídia e de ações espetaculosas e sensacionalistas quase que resume a atuação das facções. Só quem não falar sobre elas, são as instituições de segurança. Consideram segredo, digno de sigilo, pensam que se não falam sobre, não existe. Sobre a morte dos jovens? *Silence*.

A busca pelo lugar de pertencimento usurpou qualquer capacidade de êxito das facções na cidade, porque seus soldados mais morrem que avançam contra outras comunidades, e por Teresina ser a única capital do nordeste que não se localiza na região litorânea, sua importância para a dinâmica econômica da macroeconomia (se comparável com outras cidades

piauienses com Parnaíba ou Piripiri, ou mesmo Fortaleza no Ceará) é diferente.

Se a ideia realmente for ter um escudo humano, e não uma organização piramidal que trabalha na venda, produção, distribuição de drogas, Teresina está saindo super bem. É perceptível a ideia de terror que as organizações causam no imaginário social. A sensação que você pode ser morto por parecer suspeito, pela má recepção dos critérios de organização, pela má interpretação dos fatos, “onde você mora”, “quem conhece”, “viu o que?!”

As facções trouxeram a sensação de morte pelo horror da causalidade. Na cidade, é medo e insegurança generalizada. Na comunidade, sobressaltado, mas fingindo segurança. Com arma em punho pensa estar seguro e garante aos outros segurança. No fundo, no fundo... a morte já é um horizonte.

O modelo de organização faccional que vem sendo construído em território teresinense produziu uma espécie de assimilação por Griffe: ótimo marketing e péssima qualidade.

A disputa pela visibilidade e pela auto determinação, sobre ser e estar, sobre ser reconhecido, que é *irmão ou aliado*, esse desejo munido pelas falácias das *sintonias*. Produziu o alvo perfeito, com local e horário determinado, jovens em plena capacidade produtiva, saem em revoada na intenção de matar outros jovens. Transformando assim, as zonas em territórios

13 Acordo pela paz entre PCC e Comando Vermelho derruba homicídios em Fortaleza. In: Facções dominam periferias de uma das capitais mais violentas do Brasil e proibem ciclo de vingança das gangues locais. *El País*. Disponível: https://brasil.elpais.com/brasil/2016/08/19/politica/1471617200_201985.html. Acesso: 16/06/2021.

de exceção, onde matar ou morrer é o preço a ser pago pelo ideal de reconhecimento e pertencimento.

Por mais que a questão se apresente embrionária em Teresina, pelo fato de a disputa entre os sujeitos depender quase que unicamente dos símbolos que carregam. Um grupo vive em benefício de matar o outro e vice-versa. Jovens alinhados às fileiras das organizações rivalizam a partir de códigos e demarcações territoriais. Esse movimento projeta sensações de segurança que ao fim do dia não consegue cumprir, ou melhor, não se preocupa.

Depois de morto, a organização não se responsabiliza pelos seus integrantes – não em Teresina. E é esse o sentido que a noção de Filiação de Griffé busca compreender. Ou seja, depois de cooptar os jovens com ideais falaciosos de pertencimento, respeito e proteção, se omitem de qualquer manifestação quando se tem um “irmão” morto. Embora haja um esforço de replicar o *modus operandi* tal quando no Sudeste do país, o fato de Teresina ter sido uma cidade que produziu subjetividades às gangues e galeras – que hoje entram no exército das facções; seus pressupostos já eram construídos através desse tipo de organização e isso altera a forma como as organizações são lideradas, pensadas e reproduzidas na cidade de Teresina.

O *locus* social teresinense impossibilita a execução fiel de práticas paulistas e cariocas, por exemplo. Entretanto, uma coisa

é certa: as disputas territoriais e as insígnias, se apresentam mais simbólica que material, embora as mortes sejam físicas, as motivações ganham contornos que não passam de pura demagogia, mortes banais, por motivações que beiram a inocência. A rivalidade transforma a realidade num jogo que os obriga a matar e morrer.

Se em algum momento a intenção foi criar um código de condutas rígidas, em Teresina, tal qual Ceará e São Paulo como a redução¹⁴ dos homicídios, produziram o que há de pior: medo de morrer e vontade de matar. Essas e outras compreensões chegam na medida, que se percebe, dentro das motivações que levam um sujeito matar outro, um retorno em forma respeito e reconhecimento entre seus pares.

Sentimento como o de pertencimento, respeito e reciprocidade, sentimento de proteção: são classificações mutáveis e dependem do contexto, da casualidade e até da subjetividade particular de cada um, pois, o que define mesmo seu status é o calibre que você porta. Hora o sujeito é importante para fazer o *movimento* acontecer, hora é descartável e se morrer, outros jovens ocuparam o lugar de escudo para proteger as lideranças das instituições de segurança.

Nesse sentido, o ideal de respeito e pertencimento alimentam o desejo de serem

14 Acordo entre facções rivais, a chave da queda global de mortes violentas no país. *El País*. Disponível: https://brasil.elpais.com/brasil/2019/07/20/politica/1563625750_156154.html. Acesso: 16/06/2021.

acolhidos, ouvidos e levados em consideração. Nos arriscamos em dizer, que a *sintonia*¹⁵ em consonância com o *movimento* cria um espaço de diálogo que podemos facilmente classificar como lugar de fala.

Os sujeitos, num momento de recepção, sentem que são vistos e ouvidos; se abrigam, se projetam, se protegem, se ocupam. Vivem às margens, mas deixaram de ser invisíveis, silenciados, sufocados, podem e devem falar. A *sintonia*, como uma reunião ou debates acalorados constroem vínculos e relações com disposição de matar ou morrer em nome desse ideal de reciprocidade.

Esse movimento de inserção no mundo das organizações criminais, abrem margem para pensarmos as formas que os sujeitos são obstruídos das antigas relações com suas comunidades. O fato de existir, não mais em benefício da comunidade em si, mas da organização criminal, transforma as relações a tal ponto que prejudicar alguém da própria comunidade não chega a ser um problema tão sério.

O sentimento de pertencimento inverte, deixa de ser sobre a comunidade e passar a ser somente sobre a organização.

Nesse sentido, os jovens – *primos, irmãos, conhecido, chegado, aliados*, sentem-se confortáveis em experienciar a ideia de compartilhar símbolos e se organizarem em

unidade por um ideal comum. Seja PCC ou B40, a maneira fraternal na qual se relacionam, cria uma egrégora de pertencimento e proteção que faz com que a presença das outras organizações produza rivalidade.

Alimentados por poder bélico e simbólico, os jovens se veem dispostos a matar ou morrer por princípios, valores e ideias que de fato, não chegam. O pertencimento, respeito e credibilidade acabam quando se morre. A ideia de proteção, quando não acontece, deixa morrer.

Embora a realidade seja outra, as leis ditadas pelas organizações, fazem mais sentido para os pares, pois, no processo de enfileiramento da organização lhes são prometidas vantagens simbólicas, quer seja segurança, quer seja reconhecimento.

Com a instalação e readaptação das organizações criminosas o vasto efeito é visto, não foi sobre pacto pela paz, ou ações rápidas e estratégicas. Foi terror, tal qual o PCC em seu surgimento dentro da prisão, cenas de horror. O PCC e B.40 que corre hoje nas ruas, ganharam dinâmicas próprias e contornos diferentes desde que surgiram.

Embora haja disposição de reproduzir ideais paulista ou maranhense, no que diz respeito a manter uma divisão hierárquica das funções; o máximo que conseguem é construir um alvo nas costas de seus companheiros e “irmãos”. Os aspectos particulares das organizações que antecedem as facções criminais em Teresina, os

15 Biondi (2010) compreende sintonia como o regime de relações que permite uma ideia, ato, iniciativa que ressoe entre os outros que estão “batizados”, ou seja que ocupam as fileiras das organizações criminais.

impedem de serem atravessados por noções que fogem da sua realidade e isso faz com que, a partir das ressignificações na estrutura da organização, eles atuem, em nome da organização, mas sem seus principais princípios éticos e morais básicos.

Conclusões

Em suma, o conceito de filiação de Griffé visa trazer à tona os sujeitos que se intitulam faccionados, mas por motivos outros, as facções não os acolhe de maneira recíproca e isso se torna perceptível na medida que o único retorno que esses sujeitos recebem, são puramente no campo simbólico.

O reconhecimento simbólico da organização faz dos sujeitos alguém dentro da comunidade, mas fora dela, produziu um alvo fácil para o óbito. O reconhecimento simbólico é tão pífio quanto as motivações que levam esses sujeitos a guerrearem entre si em benefício de uma organização que não vai chorar sua morte.

O mundo do crime como Griffé, oferece respeito na sua comunidade, mas caso morra, não é digno do reconhecimento. O sujeito não é vingado e muito menos digno de comoção, sobretudo se esses sujeitos residem em ambientes com pouca ou nenhuma movimentação financeira no campo da venda de ilícitos.

O fraco retorno dos lucros das mercadorias ilícitas – tanto no território local, quanto a nível de Brasil; possibilitam o não-reconhecimento desses sujeitos fren-

te às verdadeiras lideranças das facções – para além de que, essa pilha de jovens mortos, servem tão somente para escamotear os principais envolvidos nessa disputa pelo bilionário mercado das drogas. Ou seja, o conceito sustenta a ideia que a cada indivíduo que entra para as fileiras da Griffé de qualquer facção, está na verdade, ocupando o lugar de escudo e dificultando as chances das verdadeiras lideranças facionadas serem expostas.

Filiação de Griffé, surge como uma tentativa de mensurar os limites de aceitação e recusa, de vida e morte, de ser ou não ser reconhecido e respeitado pela organização e seus integrantes. Surge também como uma noção crítica ao caráter identitário dessas organizações criminais. Nesse contexto, Teresina se encontra sob a mira de uma arma – uma arma produzida e financiada pelo próprio país.

As informações evidenciam inúmeras vidas juvenis ceifadas pelas violências e a partir disso, fica nítido como essa realidade se agrava na medida em que não há políticas públicas direcionadas para o rompimento dessa realidade mortífera com tão pouca compreensão sobre as causas, contextos e espacialidades em que acontecem.

A violência homicida – que afeta em especial as juventudes – mostra-se como uma das maiores violações de direitos, uma vez que se trata da infração do direito à vida, considerando que – com frequência – tal forma de violência é o resultado trágico de

uma trajetória de múltiplas formas de violações ocorridas na história dos sujeitos.

Evidenciando que as juventudes que, outrora estão vivas, estão a sobreviver numa cidade bélica, que não só produz, como banaliza riscos de vida para esse segmento, sobretudo, aos que habitam lugares onde Estado se mostra omissos e violento.

Quando nos deparamos com resultados como estes, seguido de várias tecnologias de precarização, seja, pouco ou nenhum grau de escolaridade; pouco ou nenhum acesso às instituições de assistência social e proteção à dignidade humana; trabalho informal e condições precárias de existência. Fica nítida a importância de sublinharmos que todas estas mortes são evitáveis e que seu impacto muda rumos na história de vida de famílias que têm seus entes exterminados, subtraídos de suas possibilidades de desenvolvimento dos seus projetos de vida, além de pensar que é um grande óbice para a própria democracia, que não consegue proteger o que seria em tese seu bem mais valioso, a vida.

Referências

- Acordo entre facções rivais, a chave da queda global de mortes violentas no país. *El País*. Disponível: https://brasil.elpais.com/brasil/2019/07/20/politica/1563625750_156154.html. Acesso: 16/06/2021.
- Acordo pela paz entre PCC e Comando Vermelho derruba homicídios em Fortaleza. In: *Facções dominam periferias de uma das capitais mais violentas do Brasil e proíbem ciclo de vingança das gangues locais. El País*. Disponível: https://brasil.elpais.com/brasil/2016/08/19/politica/1471617200_201985.html. Acesso: 16/06/2021.
- Atlas da Violência 2020*. IPEA, FBSP. Junho de 2021. Fórum Brasileiro de Segurança Pública. Anuário Brasileiro de Segurança Pública. Edição Especial de 2018. Disponível: www.forumseguranca.org.br>https://www.forumseguranca.org.br/wpcontent/uploads/2018/09/FBSP_ABSP_edicao_especial_estados_faccoes_2018.pdf. Acesso: 28/04/2021.
- Calazans, M. E. Juvenicídio. Verbete publicado em *Dicionário Desenvolvimento e Questão Social. 110 problemáticas contemporâneas*. 2015. Ivo, Anete B. L. (coord.). 2ª ed. São Paulo: Anablume; Brasília.
- Cerqueira, RS Lima *et al. Atlas da Violência 2017*. Rio de Janeiro: IPEA, FBSP.
- . *Atlas da Violência 2018, 2019 - Políticas públicas e retratos dos municípios brasileiros*. Rio de Janeiro: IPEA, FBSP.
- Costa, Marcondes Brito da. Juventude em Perigo, Criminalidade e Cidadania Negada. *Dossiê Temático: Vozes, Pretérito & Devir*, [s. l], jan. 2019, pp. 1-16, ISSN: 2317-1979.
- Fórum Brasileiro de Segurança Pública. *Anuário Brasileiro de Segurança Pública 2019*.
- . *Anuário Brasileiro de Segurança Pública 2020*.
- Governo do Estado do Piauí. Secretaria de Segurança do Estado do Piauí (SSPI). *Relatório de Criminalidade 2020*. 07 de Janeiro de 2021. *Relatório de Criminalidade Provisó-*

- rio 2020. 08 de janeiro de 2021. Disponível: www.ssp.pi.gov.br. Acesso: nuceac@ssp.pi.gov.br; 29/04/2021.
- . Secretaria de Segurança do Estado do Piauí (SSPI). Relatório de Criminalidade 2020. Atualizado e Retificado em 16 de Abril de 2020. Disponível: www.ssp.pi.gov.br. Acesso: nuceac@ssp.pi.gov.br; 29/04/2021.
- . Secretaria de Segurança do Estado do Piauí (SSPI). Relatório Desagregados: Vítimas de Crimes Violentos Letais Intencionais; Vítimas entre 15 a 19 anos, em Teresina 2018. Núcleo Central de Estatística e Análise Criminal – NUCEAC. Maio de 2019. Disponível: www.ssp.pi.gov.br. Acesso: nuceac@ssp.pi.gov.br; 29/04/2021.
- . Secretaria de Segurança do Estado do Piauí (SSPI). Relatório de Indicadores de Criminalidade 2018. Núcleo Central de Estatística e Análise Criminal – NUCEAC. 07 de Janeiro de 2019. Disponível: www.ssp.pi.gov.br. Acesso: nuceac@ssp.pi.gov.br; 29/04/2021.
- Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada; Fórum Brasileiro de Segurança Pública (Org.). *Atlas da Violência 2018*. Políticas Públicas e Retratos dos Municípios Brasileiro 2018. Brasília: Rio de Janeiro: São Paulo: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada; Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2018. Disponível: https://forumseguranca.org.br/wpcontent/uploads/2018/06/FBSP_Atlas_da_Violencia_Municipios_2018_Relatorio-2.pdf. Acesso: 28/04/2021
- (Org.). *Atlas da Violência 2019*. Políticas Públicas e Retratos dos Municípios Brasileiro 2019. Rio de Janeiro, julho de 2019. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada; Fórum Brasileiro de Segurança Pública. Disponível: <https://forumseguranca.org.br>. Acesso: 28/04/2021.
- (Org.). *Atlas da Violência 2018*. Relatório. Brasília: Rio de Janeiro: São Paulo: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada; Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2018. Disponível: https://forumseguranca.org.br/wpcontent/uploads/2018/06/FBSP_Atlas_da_Violencia_2018_Relatorio.pdf. Acesso: 28/04/2021.
- Juvenicídio: Brasil mata seu futuro à bala. Extra Classe. Disponível: <https://www.extra-classe.org.br/opiniao/colunistas/2018/07/juvenicidio-brasil-mata-seu-futuro-a-bala/>. Acesso: 24/06/2021.
- Lei que pode ser derrubada pela Câmara dos Deputados poupou a vida de 113.071 jovens. *El País*. Disponível: https://brasil.elpais.com/brasil/2015/05/13/politica/1431545595_563619.html. Acesso: 26/06/2021.
- Luz, Lila Cristina Xavier. Juventude e violência: reflexões sobre violência contra jovens em Teresina. Encontro dos Pesquisadores e Pesquisadoras das políticas de juventude. Brasília: Participatório em rede, 2014.
- Mbembe, Achille. *Necropolítica*. 3ª ed. São Paulo: n-1 edições, 2018, 80 p.
- Nascimento, Abdias. O genocídio do negro brasileiro. Um processo de racismo mascarado. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.
- Paes Manso, Bruno; Nunes Dias, Camila *et al.* A Guerra: a ascensão do PCC e o mundo do

crime no Brasil. São Paulo: Todavia, 2018, 344 p.

País já é o terceiro em exportações de armas leves, mas não ratificou tratado que controla as vendas. *El País*. Disponível: https://brasil.elpais.com/brasil/2017/09/15/politica/1505499172_880938.html. Acesso: 25/06/2021.

Perez, Olívia Cristina; Luz, Lila Cristina Xavier. Retrocessos na política para as juventudes na esfera federal e no município de Teresina. *Humanidades e inovação: política social e regressões sociais no Brasil: dilemas e desafios*, Teresina, v. 6, n. 17, pp. 1-11, 03 dez. 2019.

Queda de homicídios em SP é obra do PCC, e não da polícia, diz pesquisador. BBC News, Brasil.

Disponível: https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2016/02/160210_homicidios_pcc_tg. Acesso: 16/06/2021.

Valenzuela Arce J. M. Juvenicidio. Ayotzinapa y las vidas precárias en América Latina y España. In: Feffermann, Marisa. *Genocidio de la Juventud Negra: deconstruyendo mitos*. Barcelona: Ned Ediciones; Guadalajara: ITESO; Tijuana-Mx.: El Colegio de la Frontera Norte-El Colef, 2015. p. 165.

Valenzuela Arce J. M. *Juvenicidio. Ayotzinapa y las vidas precárias en América Latina y España*. Barcelona: Ned Ediciones; Guadalajara: ITESO; Tijuana-Mx.: El Colegio de la Frontera Norte- El Colef, 2015.